



RELICI

ANÁLISE NARRATIVA NA PERSPECTIVA DOS ECOSSISTEMAS COMUNICATIVOS NO FILME ARRIVAL¹

Iury Matheus Costa Silva²
Lílian das Mercês Salvador³

RESUMO

Este artigo objetiva trazer uma reflexão acerca da análise narrativa do filme *Arrival* (2016), dirigido por Denis Villeneuve, que aponta para uma discussão próxima a perspectiva dos Ecosistemas Comunicativos presente nos estudos da Educomunicação, teorizadas por Ismar de Oliveira Soares e Jesús Martín-Barbero, correlacionando com as ações de mediação da comunicação e da linguagem impostas pela personagem Louise Banks. Esse encontro de discussões e reflexões foi guiado por meio de uma metodologia educucomunicativa, tendo como base os ecossistemas comunicativos e a horizontalidade, conceitos estes pertencentes ao campo da Educomunicação.

Palavras-chave: Cinema; Ecosistemas comunicativos; Análise narrativa; Leitura fílmica.

ABSTRACT

This article aims to bring a reflection about the narrative analysis of the film *Arrival* (2016), directed by Denis Villeneuve, that points to a close discussion of the perspective of Communicative Ecosystems present in the studies of Educommunication, theorized by Ismar de Oliveira Soares and Jesús Martín-Barbero, correlating with the mediation actions of communication and language imposed by the character Louise Banks. This meeting of discussions and reflections was guided by an educucomunicative methodology, based on communicative ecosystems and horizontality, concepts belonging to the field of Educommunication.

Keywords: Cinema; Communicative ecosystems; Narrative analysis; Film Reading.

¹ Recebido em 05/09/2017.

² Universidade Federal de Campina Grande. iurymatheussilva@gmail.com.

³ Universidade Federal de Campina Grande. liliansalvador25@gmail.com.



RELICI

INTRODUÇÃO

Essa análise tem como tema central as características da construção de um ecossistema comunicativo, encontradas a partir de uma análise da linguagem narrativa do filme *Arrival* (2016) dirigido por Denis Villeneuve e baseado no conto escrito por Ted Chiang, *Story of Your Life*, 1999. Buscamos, a partir dos estudos fílmicos e dos estudos dos ecossistemas comunicativos, problematizar os aspectos comunicativos representados dentro do longa-metragem de Denis Villeneuve que constitui em uma narrativa de hipóteses comunicacionais.

Para a definição de ecossistemas comunicativos, partimos da perspectiva da Educomunicação segundo Ismar de Oliveira Soares. Compreendemos que ao se deparar com um ambiente comunicacional que possuem ruídos, falhas comunicativas e perda de informações, é de extrema importância se criar uma comunicação horizontalizada, em que seja possível a correlação dos grupos comunicativos, assim como a criação de meios e formas a partir de uma mediação (seja essa tecnológica ou meramente linguística) que busquem provocar um ecossistema comunicativo, ou seja, de maneira que ambos os grupos se conectem de forma igualitária.

A princípio, iremos nos deter a discutir acerca da teoria do ecossistema comunicativo, além de uma apresentação e um resumo do filme. Em seguida, serão expostos uma análise sobre a linguagem narrativa presente na obra cinematográfica e uma correlação da narrativa do filme com as teorias dos ecossistemas comunicativos e, por fim, serão expressadas as considerações finais.

BREVE CONTEXTO DOS ECOSSISTEMAS COMUNICATIVOS

Sabe-se que ecossistema é o conjunto formado por seres vivos de diversas espécies que se correlacionam. O ecossistema comunicativo, por sua vez, é onde encontramos séries de teias comunicativas em diversos espaços, espaços estes



RELICI

“invisíveis” que são limitados pelo recorte dado aos contextos pessoais de cada sujeito. Quando essa relação se dá por meio de tecnologias da comunicação, esta é intitulada de mediada.

Sendo assim, Martín-Barbero explica que “frente à língua e ao território, as linguagens eletrônicas, audiovisuais, musicais ultrapassaram essa limitação, produzindo comunidades hermenêuticas que respondem a novos modos de perceber e narrar a identidade” (MARTÍN-BARBERO, 1998: 58).

Já Soares (2011) afirma que os ecossistemas comunicativos são espaços nos quais predominam a interação, o diálogo e a descentralização de vozes, ou seja, é o “entorno que nos envolve, caracterizado por ser ‘difuso’ e ‘descentrado” (SOARES, 2011: 43).

Para a Educomunicação, o ecossistema comunicativo é estabelecido como “algo a ser construído, no horizonte do devir: um sistema complexo, dinâmico e aberto, conformado como um espaço de convivência e de ação comunicativa integrada” (SOARES, 2011: 43).

Desta forma, a Educomunicação e os ecossistemas comunicativos se relacionam com o principal objetivo de fazer com que os sujeitos ao interagirem com as tecnologias de comunicação e informação, observem a partir de um ponto de vista crítico, de modo que provoque o indivíduo a transformar a sua realidade e as dos demais.

Martín-Barbero (2000: 54) explica que esse ecossistema contrapõe com o sistema tradicional de ensino, “um ambiente educacional difuso e descentrado, no qual estamos imersos. Um ambiente de informação e de conhecimentos múltiplos, não centrado em relação ao sistema educativo que ainda nos rege”.



RELICI

BREVE RESUMO DO FILME ARRIVAL

O Filme ficcional *Arrival* (Denis Villeneuve, 2016), concorrente ao Oscar de Melhor filme em 2017, apresenta a história de doze espaçonaves extraterrestres que aterrissam na Terra. Diante disso, Louise Banks, doutora em língua, é convocada pelo governo americano, juntamente com o físico teórico Ian Donnelly para entenderem e entrarem em contato com essas novas formas de vida. A missão deles é a cada doze horas, entrar dentro da espaçonave que aterrissou em território americano, visando encontrar uma maneira de compreender e se comunicar com seus ocupantes: os Heptapodes.

Durante um dos vários encontros com os Heptapodes, Louise, quebra todos os protocolos de segurança ao retirar todo o equipamento de proteção que ela estava vestindo, e aproximando-se da parede invisível, que dividem o lado humano do lado dos Heptapodes, essa atitude fez fazendo com que eles tenham a primeira tentativa de contato claro, ao escrever em um quadro a palavra “humano”.

Louise consegue decifrar a linguagem e até mesmo replicar a linguagem Heptapodes, já que esta passa a ensinar os Heptapodes acerca da linguagem terrestre, a fim de chegar nas respostas que todos na Terra desejam saber: O que eles querem? De onde são? Por que estão na Terra?

Enquanto isso, Louise está ensinado sobre a linguagem terrestre e, conseqüentemente, aprendendo cada vez mais a língua Heptapodes. Na China (liderado pelo general Shang), por sua vez, acaba sendo adotada uma postura bélica e ofensiva quanto à espaçonave que está aterrissada no território chinês.

Louise consegue, então, estabelecer um diálogo compreensível pelas duas línguas, conseguindo com que os Heptapodes digam o motivo de estarem na Terra. Eles então, dizem que vieram dar uma “arma”, a palavra assusta a todos os representantes do governo, inclusive o general Shang que ordena suas tropas a atacar com todas as forças as espaçonaves.



RELICI

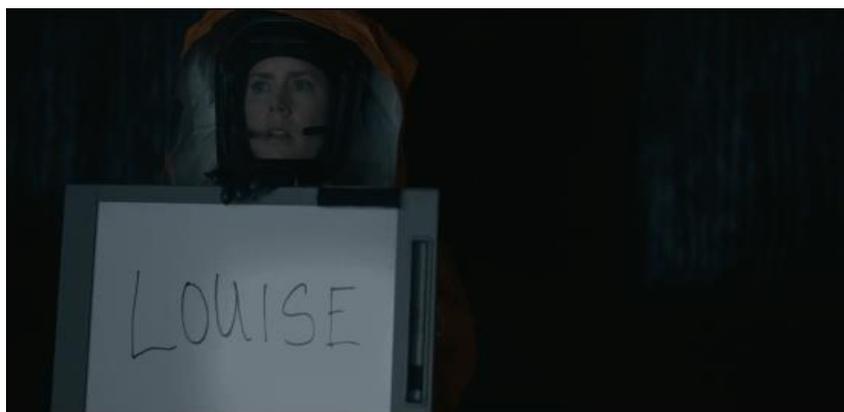
35

Louise, percebendo a ambiguidade da palavra arma, que para os terrestres possui um significado e para os Heptapodes pode possuir outro, conseguindo decifrar o significado da palavra “arma” para os Heptapodes.

Descobrimo que o que eles trouxeram, não era uma arma bélica ou de alta destruição, mas sim um “dom” de conseguir ver “memórias” dos acontecimentos particulares futuros, da mesma forma como as pessoas conseguem ver “memórias” particulares do passado. A partir disso, Louise consegue entrar em contato com o general Shang, com o auxílio das “memórias” do futuro que nos mostra ela com o general Shang falando as últimas palavras ditas pela esposa do general antes de falecer, impedindo assim que a Terra ingressasse em guerra com os Heptapodes.

ANÁLISE NARRATIVA DE SEQUENCIA

A sequência narrativa inicia com o grupo terrestre comandado pela doutora Louise Banks e Ian Donnelly dentro da espaçonave dos Heptapodes. Louise escreve em um quadro seu nome, tentando mostrar para os extraterrestes quem ela é, e que o seu nome é Louise.



Fonte: Arrival, 2016

Os Heptapodes “respondem” para a doutora, desenhando na parede invisível um símbolo em forma de um círculo incompleto, após isso, os terrestres



RELICI

36

tentam decifrar o “círculo”, comparando se este já era um símbolo mostrado anteriormente ou se tratava de um símbolo novo.

Esse fragmento demonstra a dificuldade entre raças/línguas distintas em tentarem se comunicar um com o outro, esse obstáculo comunicativo é bastante presente em toda a narrativa do filme, mas principalmente nessa sequência, já que tanto terrestres quanto Heptapodes ainda não conseguem criar um laço de relacionamento comunicativo. Ambos estão usando seu dialeto/símbolos linguísticos para tentar se comunicar entre si, porém, em nenhum momento, tais raças conseguem estabelecer um entendimento.



Fonte: Arrival, 2016

Louise afirma que o símbolo é parecido com o que representa humanos, mas que existe uma mudança no final do círculo, a qual se questiona se é uma afirmação ou pergunta. Ian, por sua vez, afirma que há uma grande chance dos Heptapodes estarem confusos.

Esse fragmento, utilizando inclusive a própria construção do diálogo de Louise e Ian, como também o “diálogo” dos Heptapodes, confirma que ambas as espécies não estão conseguindo se comunicar de forma eficiente. A linguagem cinematográfica aqui utilizada por uma câmera plongée simboliza dois aspectos, a distância entre os terrestres e os Heptapodes, como a “superioridade” e a soberania



RELICI

37

que os Heptapodes possuem, já que estes possuem conhecimentos mais complexos e avançados.



Fonte: Arrival, 2016

No frame a seguir, Louise retira toda a sua roupa de proteção contra radiação, ficando completamente exposta. Ela então resolve se aproximar da parede invisível.

Esse fragmento é uma simbologia visual sobre a quebra da superioridade dos Heptapodes e a inferioridade dos terrestres, já que Louise ao tirar sua proteção e respirar o “mesmo ar” dos Heptapodes propõe que tanto ela como os Heptapodes estão em um mesmo nível, dando início assim a uma aproximação entre as duas formas de comunicação.



Fonte: Arrival, 2016



RELICI

38

Louise aproxima-se da parede invisível, ficando frente a frente com os Heptapodes, conseguindo observar detalhadamente suas características físicas, permitindo também que eles façam o mesmo com a anatomia humana.

A partir disso, Louise ao ficar frente a frente com os Heptapodes, transforma a relação antes de superioridade em uma relação horizontal, ou seja, tanto ela como os Heptapodes agora estão cara a cara. Ao mesmo tempo em que esse fragmento mostra essa horizontalidade da relação de Louise com os extraterrestes, ela também continua demonstrando, que para o restante da equipe, os Heptapodes ainda são uma raça superior, já que eles decidem manter uma distância um do outro.



Fonte: Arrival, 2016

Louise fica frente a frente com os Heptapodes e põe uma de suas mãos em contato com o vidro, um dos Heptapodes repete a mesma ação, colocando uma de suas patas junto ao vidro.

Toda essa sequência narrativa, mas, principalmente esse pequeno fragmento, é uma representação da tentativa de melhoria da comunicação. Ao mostrar Louise e os Heptapodes colocando as mãos juntos no vidro, simboliza que ambas as raças estão se reconhecendo e iniciando uma tentativa de comunicação horizontalizada, onde ambos tentam fazer o máximo para se relacionarem de forma compreensível.



RELICI



Fonte: Arrival, 2016

Após Louise interagir com os Heptapodes, Ian Donnelly também retira sua roupa de proteção, ficando exposto aos Heptapodes. Ao mesmo tempo em que escreve seu nome no quadro e se apresenta, os Heptapodes escrevem seus nomes também.

Esse fragmento é um complemento do anterior, após Louise criar uma relação de horizontalidade, Ian assume o papel de dar prosseguimento ao “ecossistema comunicativo” realizado pela doutora. Ao se apresentar, os Heptapodes começam a “entender” os terrestres, e tentam da mesma forma, fazer com que os terrestres os consigam entender.



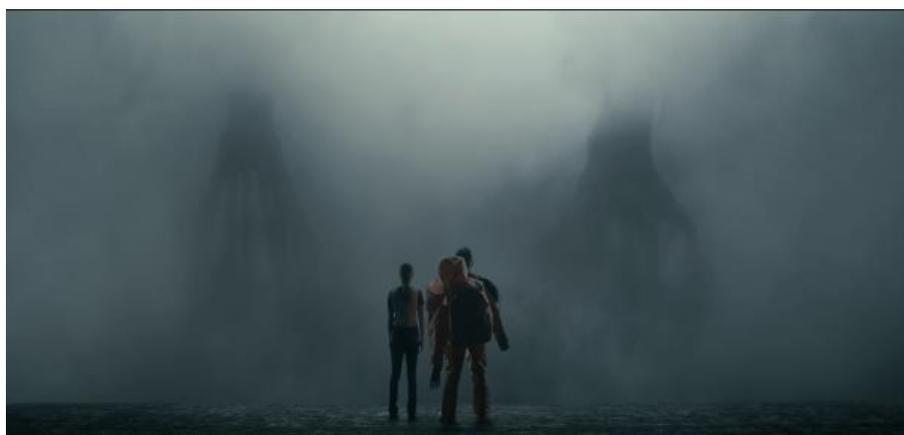
Fonte: Arrival, 2016



RELICI

40

A sequência termina com Louise e Ian parados frente a frente com os Heptapodes, ao mesmo tempo, em que deixa os terrestres com a esperança de que será possível um diálogo mais claro entre ambos.



Fonte: Arrival, 2016

No final dessa sequência, percebe-se que a narrativa dá a entender, que, a comunicação entre os terrestres e Heptapodes, foi, enfim, iniciada de forma correta e coerente. Ao utilizar um plano geral horizontal, com os dois Heptapodes, Louise e Ian, frente a frente, transparece uma mensagem de que ambas as raças agora estão em pé de igualdade, ou seja, tanto os Heptapodes, como os terrestres que irão, a partir desse contato, começar a trabalhar uma comunicação participativa.

ECOSSISTEMAS COMUNICATIVOS NA RELAÇÃO TERRESTRE E HEPTAPODES NO FILME ARRIVAL

Como já vimos, o Ecosistema Comunicativo segundo Soares (2011) são os espaços nos quais predominam a interação, o diálogo e a descentralização de vozes, ou seja, é o “entorno que nos envolve, caracterizado por ser ‘difuso’ e ‘descentrado’” (SOARES, 2011: 43).

Quando analisamos todo o percurso do primeiro ato do filme, é nítido que a principal precaução da doutora Louise Banks é que tanto os Heptapodes, como os



RELICI

41

humanos criem uma relação comunicativa, ou seja, é necessário que ambas as partes tentem entender um ao outro, para que os diálogos sejam feitos de forma coerentes e corretas "a língua é o alicerce da civilização, é a cola que une as pessoas. É a primeira arma sacada em um conflito" (ARRIVAL, 2016).

Neste caso Louise percebe e trabalha para que ambas espécies se mantenham descentralizadas, ou melhor, que os Heptapodes deixem de ser a raça "evoluída" por terem conhecimento científico mais avançado, e os humanos não se identifiquem como uma raça inferior e dominada.

Assim, é necessário através da discussão de linguagem imposta pelo filme analisar que é necessário que os Heptapodes conheçam a cultura, a linguagem, a história e os sentidos que as palavras terrestres possuem, para que assim, possam alcançar e compreender qual é o propósito dos questionamentos que os humanos estão fazendo, como, por exemplo, o por que deles estarem na Terra. Tal discussão pode ser relacionada com a visão de Martín-Barbero no seu livro "La education desde la comunicacion", quando ele afirma que "[...] os ecossistemas comunicativos, [...] é formado pelo conjunto de linguagens, escritas, representações e narrativas que alteram a percepção" (Martín-Barbero, 2002).

O mediador, no caso do filme, a doutora Louise Banks, atua apenas como facilitadora da comunicação, ao utilizar a leitura da palavra como uma maneira de auxiliar as partes a estabelecerem a comunicação. "A mediação é a arte de harmonizar conflitos. Ela parte de uma lógica que se opõe à disputa e procura encontrar soluções compartilhadas" (MUSZKAT, 2014: 3).

Essa preocupação que Louise demonstra, através de todo o primeiro ato do filme, em que ela tenta criar uma relação com os Heptapodes, se caracteriza, principalmente, pelo fato de que ambas as raças estão aprendendo uma decodificação de signos, isto é, descobrindo uma nova linguagem. Desta forma, Louise sempre tenta deixar claro que as palavras na língua terrestre possuem



RELICI

42

diversos significados e que esses sentidos também possuem variadas opções na linguagem dos Heptapodes, ou seja, uma palavra em comum para cada raça pode conter diversas interpretações dependendo do contexto ao qual ela está empregada, como bem afirma Brandão (2006).

[...] A linguagem deve ser estudada não só em relação ao seu aspecto gramatical, exigindo de seus usuários um saber linguístico, mas também em relação aos aspectos ideológicos, sociais que se manifestam através de um saber sócio ideológico. [...] O estudo da língua está sempre aliado ao aspecto social e histórico (BRANDÃO, 2006: 6).

Essa complexidade de interpretação da linguagem e da própria cultura é exposta também por Louise quando a mesma conta a história da origem do termo Canguru para o coronel G. T. Weber, visando explicar o motivo de estarem ensinando diversas palavras terrestres e suas variáveis para os heptapodes.

Canguru. Em 1770, o navio do Capitão James Cook encalhou na praia no litoral da Austrália e guiou um grupo, onde encontraram um povo aborígine. Um dos marinheiros apontou para os animais que pulavam e colocavam filhotes nas bolsas. [...] E perguntou o que eram. O aborígine disse "canguru". [...] Só depois descobriram que canguru significa "que eu não entendo" (ARRIVAL, 2016).

Assim, todo o primeiro ato do filme estabelece uma relação próxima ao ecossistema comunicativo descrito na Educomunicação, como “algo a ser construído, no horizonte do devir: um sistema complexo, dinâmico e aberto, conformado como um espaço de convivência e de ação comunicativa integrada” (SOARES, 2011: 43).

Desta forma, quando o primeiro ato do filme termina com os humanos e Heptapodes conseguindo manter uma relação complexa de decodificação das respectivas linguagens, é criado um ecossistema comunicativo que utiliza tanto o aparato tecnológico, um computador e um projetor para transformar a linguagem terrestre em uma linguagem Heptapode e vice-versa, como também a existência de um mediador, neste caso, a doutora Louise Banks.



RELICI

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema comunicação que acompanha a obra de Denis Villeneuve, não se reduz simplesmente à dimensão da utilização da linguagem como forma de comunicação, mas esta também se encontra na própria questão de como é possível se comunicar e, conseqüentemente entender, sem ter um domínio amplo de uma linguagem “estrangeira”. O que procuramos enfatizar nesta análise é a importância de ser criar meios e técnicas de comunicação que possibilitem a compreensão no sentido de uma comunicação horizontalizada, onde ambos possam entender o que está sendo dito, como também reiterar a importância dessa prática na vida de uma pessoa, tanto no aspecto pessoal quanto no social.

Neste estudo, apontamos que um processo de construção de um ecossistema comunicacional sadio, claro e construído em conjunto, é a melhor forma de auxiliar a compreensão sobre as diversas culturas existentes. Podemos também destacar que o ser humano desenvolveu a comunicação para que fosse possível compreender e assim criar maneiras de se relacionar com as mais diversas raças.

"A mediação é a arte de harmonizar conflitos. Ela parte de uma lógica que se opõe à disputa e procura encontrar soluções compartilhadas" (MUSZKAT, 2014: 3). Ao atuar como mediadora de uma construção do ecossistema comunicativo entre terrestres e Heptapodes, a doutora Louise Banks, acabou assumindo o papel de facilitadora da comunicação, a partir do uso da linguagem como forma de estabelecer esse tipo de comunicação.

Somos capazes de concluir, que, ao ver a comunicação como uma forma de aproximação de línguas e raças distintas e até mesmo de culturas, decretou-se assim a salvação, não apenas da raça humana, mas, também da raça dos Heptapodes.



RELICI

44

Desta forma, a construção de um ecossistema comunicativo incluso na construção da narrativa do filme, transpassa um grande exemplo da forma correta em que essa teoria, deve ser aplicada no cotidiano do ser humano, pois por mais que se trate de uma obra ficcional, *Arrival*, é uma representação clara e coesa da dificuldade da raça humana em correlacionar entre si, de construir um diálogo transparente e horizontalizado, capazes de evitar guerras e conflitos dispensáveis.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Helena H. N (2006). Analisando o discurso. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/Ciencias.Linguagem/Brandao_AnalisandoODiscurso.pdf

MARTÍN-BARBERO, Jesús (2002). *La educación desde la comunicación*. 1º ed, Buenos Aires: Grupo Editorial Norma.

MUSZKAT, Malvina (2014). *A mediação é a arte de harmonizar conflitos*. Brasília: Confea.

SOARES, Ismar de Oliveira (2011). *Educomunicação - o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio*. 1ª ed. São Paulo: Paulinas.

FILMOGRAFIA

Arrival (2016), de Denis Villeneuve.